

QUANDO UM VERBO É ANTÓNIMO DE SI MESMO: COGNIÇÃO E ESTRUTURA LEXICAL DE *LEVANTAR*

José Teixeira
Universidade do Minho

RESUMO

Neste texto procurar-se-á analisar a estrutura semântica do verbo *levantar* dentro do grupo dos verbos de movimento vertical. Demonstrar-se-á a diferença entre as estruturas prototípicas ou nucleares de *levantar* e *erguer* e as implicações que tais diferenças acarretam nos processos de metaforização que produziram as principais aceções ao verbo. Evidenciar-se-ão, igualmente, as vantagens de uma abordagem cognitiva na análise lexical e por fim, baseando-se na metodologia teórica e na análise apresentadas, propor-se-á um esquema descritivo para uma entrada lexicográfica de *levantar*.

PALAVRAS-CHAVE: significado lexical, protótipo, cognição espacial, metáfora, antonímia.

1. Espaço, movimento e significado lexical

1.1. Os dicionários e as descrições lexicais

Quando se abre um bom dicionário a primeira constatação é a de que aquilo é como a sociedade: as palavras são como as pessoas, umas são maiores, outras mais pequenas, umas têm mais dinamismo, outras menos. E talvez por tudo isto, algumas obrigam a um tratamento privilegiado, constatável no desenvolvimento atribuído aos seus valores ou aceções.

Por que é (e como é) que algumas se explanam e vão ganhando domínios vastos de significado na língua? Os dicionários costumam anotar, junto de várias aceções, que é por metaforização, baseando-se

no velho dualismo de que em cada palavra se distinguem o(s) sentido(s) próprio(s), também chamado(s) denotativo(s), e outros sentidos derivados, metaforizados, figurados.

Esta divisão tradicional, bem vistas as coisas, acaba por não ser de grande utilidade sobretudo porque, para além da pouca relevância que isto tem para o ato de fala, em muitos casos, o que para uns dicionários é sentido próprio, para outros é metaforizado. Basta comparar a mesma entrada lexical em obras diferentes para constatar isto mesmo.

A questão principal deverá ser: como se formaram esses sentidos pelos quais a palavra se explana? Foram formados arbitrariamente, “à sorte”, como a tradição linguística tendencialmente costuma explicar, ou há uma lógica nessa organização semântica? E todas as palavras podem adquirir múltiplos sentidos metafóricos ou há algumas que têm uma especial carga genética para isso? Se sim, porquê?

1.2. Espaço, domínio privilegiado da construção imagética

Como é que, então, fabricamos os sentidos metafóricos que as palavras têm?

Já Gilbert Durand, na linha da psicologia de Jung, tinha defendido, nos anos sessenta¹ do século XX, uma antropologia de símbolos e mitos, procurando descobrir onde e como o imaginário humano armazena ontogeneticamente o que a espécie humana filogeneticamente foi acumulando. Para Durand, o espaço é o domínio privilegiado do simbólico, daquilo a que chama “fonction fantastique”. O espaço é o domínio da “fabricação” intelectual e imagética do homem.² Para ele, a língua está profundamente ligada às estruturas cognitivas que nos fornecem uma interpretação e uma “partição” do mundo em modelos mentais com os quais construímos aquilo que designamos por “pensamento”:

Bien loin d'être une forme *a priori* «plutôt» de l'altérité matérielle, l'espace s'est découvert comme la forme *a priori* de la créativité spirituelle et de la maîtrise de l'esprit sur le monde. C'est l'objectivité qui jalonne et découpe mécaniquement les instants médiateurs de notre soif, c'est le temps qui distend notre assouvissement en un laborieux désespoir, mais c'est l'espace imaginaire qui au contraire reconstitue librement et immédiatement en chaque instant l'horizon et l'espérance de l'Etre en sa pérennité. Et c'est bien l'imaginaire qui apparaît comme recours suprême de la conscience, comme le coeur vivant de l'âme (DURAND, 1969, p.500).

Intuição e imagens são equivalências que necessitam da dimensão espacial. E se o processamento linguístico está profundamente imbricado no processamento de imagens mentais, não é difícil adivinhar a importância fundamental e prioritária que esta duplicidade espaço-imaginário desempenha no mesmo processo. E o espaço é a condição primeira para a gênese de qualquer imagem mental:

il n'y a d'intuition que des images, au sein de l'espace, lieu de notre imagination. C'est pour cette raison profonde que l'imagination humaine est modelée par le développement de la vision, puis de l'audition et du langage, tous moyens d'appréhension et d'assimilation «a distance». C'est dans cette réduction euphémique du distancement que sont contenues les qualités de l'espace (DURAND, 1969, p. 472).

1.3. O corpo humano e as dimensionalidades do espaço

É Merleau-Ponty, na sua *Phénoménologie de la perception*, quem retoma o conceito já existente de “esquema corpóreo”³ e lhe acrescenta uma faceta que considera a mais importante: o dinamismo. O “sentir o corpo”, o “esquema corpóreo” não se esgota na consciência da globalidade das partes que o compõem, mas integra-as numa estrutura, num esquema que nunca perde de vista que as partes componentes e o todo global têm uma finalidade própria, um projeto a construir. O corpo não é, assim, apenas um objeto entre todos os objetos que se situam no espaço, mas algo continuamente perspectivado em função de uma finalidade própria que o anima.

Mas são sobretudo as novas descobertas das ciências cognitivas, a partir principalmente das duas últimas décadas do século XX, que fazem ressaltar o lugar que o corpo detém num princípio já clássico: *o homem é a medida de todas as coisas*. Se a tradição filosófica entende este princípio na sua vertente nocional e racionalizante, na perspectiva cognitiva ele pode ser entendido na dimensionalidade física: o homem, enquanto ser corpóreo, é o medidor e toma-se como medida de tudo o que conceitualiza. Assim, o mundo é perspectivado como o prolongamento exterior do corpo, funcionando este como primitivo microcosmos padrão.

Mark Johnson, com o sugestivo título *The Body in the Mind* (1987), demonstra a relação de paralelismo entre a configuração corporal humana e as construções mentais que fazemos. O ambiente é visto e conceitualizado a partir do corpo humano. Por isso este é, verdadeiramente, a medida a partir da qual se metaforiza a realidade.

1.4. O alto e o baixo: os espaços positivos e os espaços negativos

O esquema básico da cognição humana é, na sua estrutura mais fundacional e mais primária, essencialmente dual: o *bom* e o *mau*. Ora se o corpo humano é o microcosmos pelo qual se escala o mundo, é natural que, como neste, também naquele as partes sejam diferenciadas valorativamente. Há eixos mais relevantes e dotados de maior importância, havendo em cada eixo um polo positivo e outro negativo. Por isso, a medição espacial feita a partir do corpo humano aparece interconectada com as conceções valorativas que o homem constrói a partir do corpo.

A experiência do nascer é a experimentação primeira da verticalidade. É depois de nascer que o ser humano ganha esta primeira sensação do poder-cair, do *suporte* que fica por *baixo*. A verticalidade é a primeira e mais fundamental estrutura espacial a ser adquirida e experienciada, porque intimamente ligada à sobrevivência. A valorização do eixo vertical vai-se progressivamente reforçando pela distinção entre a posição normal do ser humano adulto e a dos outros animais, incluindo o próprio bebé que pouco a pouco se esforça por adquirir a verticalidade. A tendência e o desejo para esta posição abarcam experiências marcantes dos primeiros tempos de todo o ser humano⁴.

Neste eixo vertical, vão-se estabelecendo dois extremos: o *baixo*, o do perigo de cair, e o *alto*, o desejável, o que identifica o adulto, ao qual (extremo) se pretende chegar. Além disso, os rostos, do próprio e do adulto, entre os quais é feita toda a comunicação e os braços, que o seguram e o tiram do *baixo*, são elementos do *alto*. Este, portanto, é o desejado, o bom, o positivo. Quem ainda não teve a experiência de ver o que acontece normalmente a um bebé que está deitado a chorar? Pegar nele e levantá-lo é o primeiro passo para o fim do choro.

Não é apenas por um processo metafórico abstrato que associamos os valores positivos da vida ao *alto* e os inversos ao *baixo*. Na verdade, nós *experimentamos* que, quando estamos bem, adotamos a posição vertical e quando estamos mal a inversa.

A corporização do espaço vai levar a que as línguas procurem obrigatoriamente, na própria dimensionalidade do corpo, os marcos referenciadores das dimensões linguísticas. Esta gramaticalização do espaço corporizado, embora sob formas e perspectivas variadas, orienta-se por percursos muito semelhantes em todas as línguas⁵.

1.5. Correlação experiencial e metaforização

A atribuição de valores positivos e negativos às dimensionalidades espaciais aparece escancarada por toda a língua. Na dimensão que agora interessa, a verticalidade, as palavras que apontam para a altura acarretam tendencialmente a positividade, enquanto as que referem a vertente contrária encarnam os aspetos negativos:

subir na vida “ cair em desgraça
 estar no cimo/alto “ estar em baixo
 pensamentos elevados “ pensamentos baixos
 alta categoria “ baixa categoria
 elevação “ baixeza

A evolução histórica confirma-o. Vocábulos que apontem para *baixo*, para *chão*, ganham facilmente valores depreciativos (*chato*, *chão*, *baixo*, *rasteiro*).

Esta tendência equivalencial entre o espaço e a positividade-negatividade intersecciona aquilo que Grady designa por *correlações experienciais*. Quando precisamos de determinados conceitos que não podem ser provenientes de uma observação direta e imediata, ou seja, quando os conceitos têm que ser construídos mentalmente a partir de *inputs* não experienciados sensitivamente, verifica-se que nos servimos de outros conceitos diretamente ligados ao observável para substituir/construir conceitos mais elaborados ou não diretamente observáveis.

Assim, nas frases

1. O preço está alto.
2. O valor das ações caiu.

os termos “alto” e “cair” referem-se/implicam “dimensão vertical”. O que fazemos é identificar “quantidade numérica” e “dimensão vertical”. Assim, pode dizer-se que os conceitos de “quantidade numérica” e de “dimensão vertical” aparecem frequentemente em correlação.

Esta correlação funda-se na nossa experiência quotidiana: quando maior é a quantidade numérica de X, maior é a altura da realidade X. Quando acrescentamos pedras a um monte de pedras, vemos o referido monte crescer em altura; quando deitamos água num copo, vemos a água a subir em altura (o comprimento é uma “altura deitada”).

Devemos supor que as nossas estruturas cognitivas contêm muitas destas correlações experienciais:

mais altura->positivo, grande, poder, deus;
 menos altura -> negativo, pequeno, fraqueza, demónio;
 frente -> positivo, conhecido, visível, acessível;
 trás -> negativo, desconhecido, invisível, inacessível;
 direito -> positivo, forte, correto;
 esquerdo -> negativo, fraco, incorreto.

Dizemos que são “experienciais” porque parece haver evidências que se fundamentam na experiência, não sendo portanto estruturas inatas preexistentes.

É muito interessante notar que estas correlações experienciais são comuns a quase todas as línguas e culturas. Compreende-se porque a fisiologia humana bem assim como os mecanismos cognitivos do homem e a natureza em que habita são essencialmente idênticos para todos.

Parece, desta forma, evidenciar-se que as correlações experienciais são operações fundamentais de todo o processo cognitivo, operações essas que derivam das operações cognitivas básicas que fazemos e cujos conceitos servirão para, num nível mais abstrato, podermos elaborar outros conceitos mais complexos impossíveis de construir através da experiência sensorial direta.

Assim, a experiência da situação “luz” ausência de luz” liga-se à experiência sensorial de “ver” não ver”, já que a luz é fator imprescindível para o *ver*. Como o conceito de *perceber* é complexo, abstrato, envolvendo variadas atividades mentais e não pode ser experienciado sensorialmente, pode ser construído a partir do esquema concetual de *ver*: o *perceber* é uma espécie de *ver*, já que implica a percepção de uma realidade nova até aí não captada. E assim, o verbo *ver* passa a abarcar, por metaforização, o conceito de *perceber* deixando de se restringir à percepção visual:

3. Estás a ver o que quero dizer?
4. Já vi esse argumento muitas vezes.
5. Não vejo solução para o problema.

Não é invulgar ouvirmos estas frases na boca de pessoas... cegas. E a ironia que (por vezes) ocorre em tais situações deve-se apenas ao facto de nós repararmos no salto do sentido sensitivo (*ver=captar através dos olhos*) para o sentido mais abstrato (*ver=captar através de operações mentais complexas*) que o verbo deu. E não são apenas os dois conceitos (*ver/perceber*) que entram em equivalência semântica, mas toda a estrutura concetual baseada na correlação experiencial de base: luz “ausência de luz” passa também a equivaler a “perceber/não perceber” (“fez-se luz sobre a situação”).

2. Levantar e verbos de movimento vertical

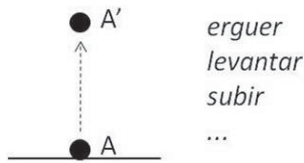
O que até aqui se tentou evidenciar pode ser sistematizado do seguinte modo:

1. Algumas palavras possuem um âmbito (campo) semântico muito vasto e abarcante;
2. Essa extensão semântica é sobretudo estruturada através da metaforização;
3. A dimensão espacial é um domínio básico e estruturante para os processos de metaforização;
4. Dentro da dimensão espacial a verticalidade é o vetor prioritário;
5. Os dois eixos da verticalidade são percecionados valorativamente (alto=bom, baixo=mau).

Sendo o verbo a categoria lexical que melhor coaduna o espaço e o movimento, estes pressupostos, a serem válidos, fazem prever que a tipologia verbal do português deverá também conter lexicalizações que se ajustem e comprovem a sistematização agora elencada.

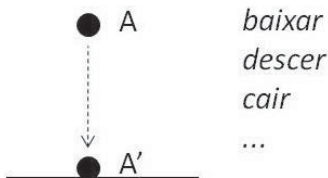
2.1. O movimento vertical

Os movimentos da verticalidade são percecionados através de uma estrutura básica em que um objeto (A) se movimenta dentro deste eixo. A um estágio inicial em que o objeto ocupa uma posição espacial (A) sucede-se, depois de uma série de estádios transitórios e intermédios, um estágio final em que o mesmo objeto ocupa uma posição diferente (A') necessariamente situada num plano tido como [mais alto]. Verbos como *erguer*, *levantar*, *subir*, assentam neste esquema de movimento na verticalidade⁶:



É óbvio que o estado de coisas destes verbos não se reduz a este esquema. Cada um envolve prototipicamente actantes diversos que podem desempenhar também papéis diferenciados. Como facilmente se percebe, na sua centralidade semântica ou prototípica a entidade tida como agente em *erguer* não desempenha o mesmo papel que em *subir*: enquanto neste último é tida como responsável pelo seu próprio movimento (*O João subiu o monte*) em *erguer* é vista como causa do movimento de um objeto diferente de si mesma (*O João ergueu a taça*).

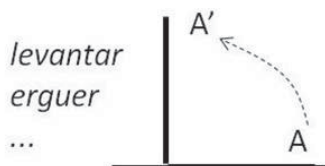
A inversão do movimento configura o esquema inverso e necessariamente complementar: um objeto (A) que se movimenta dentro do eixo da verticalidade desde um estágio inicial em que ocupa uma posição espacial (A) sucedendo-se, depois de uma série de estádios transitórios e intermédios, um estágio final em que o mesmo objeto ocupa uma posição diferente (A') necessariamente situada num plano tido como [menos alto]. Verbos como *baixar*, *descer*, *cair*, lexicalizam este esquema:



A lógica, facilmente intuída, dos esquemas descritos (e ao contrário do que uma visão mais apressada poderia fazer crer) não engloba as possibilidades totais. É que se, na verdade, o eixo vertical só se pode inserir forçosamente entre um [mais alto] e um [menos alto], o objeto que se move introduz outras possibilidades.

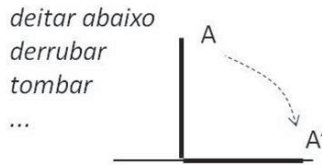
Na realidade, os objetos típicos dos estados de coisas até aqui descritos são “objetos leves” como taças, pedras, utensílios, o nosso

corpo, objetos que habitualmente podemos movimentar em altura com maior ou menor dificuldade. No entanto, também há “objetos pesados”, objetos que habitualmente não se podem *erguer* como se ergue uma taça: um tronco de árvore, um corpo, uma grande pedra podem adquirir uma posição com [mais alto], mas para tal servimo-nos habitualmente de outro esquema de movimento diferente do que fazemos com a taça. Para os objetos pesados o esquema é diferente: um objeto (A) movimenta-se dentro do eixo da verticalidade desde um estágio inicial em que todo o objeto ocupa uma posição horizontal (A) sucedendo-se, depois de uma série de estádios transitórios e intermédios, um estágio final em que o mesmo objeto ocupa uma posição diferente (A') necessariamente situada num plano tido como vertical a (A). Verbos como *levantar* e *erguer*, assentam nesta estrutura:



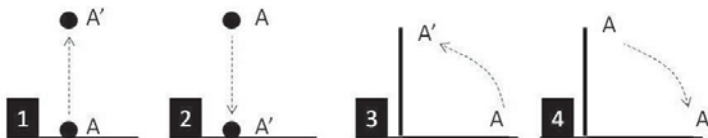
Repare-se que *erguer* se pode situar em ambos os esquemas, já que eles possuem uma estrutura básica comum: movimento desde um plano [menos alto] para um [mais alto]. Daí que *erguer/levantar* sejam apresentados quase como sinónimos perfeitos na maior parte dos dicionários, o que, como veremos, não corresponde à realidade.

Dado que a perspetivação dos movimentos e dos espaços implica esquemas de simetria, terá de haver lexicalizações, para este último esquema, mas agora com movimento inverso: um objeto (A) movimenta-se dentro do eixo da verticalidade desde um estágio inicial em que todo o objeto ocupa uma posição vertical (A) sucedendo-se, depois de uma série de estádios transitórios e intermédios, um estágio final em que o mesmo objeto ocupa uma posição diferente (A') necessariamente situada num plano tido como horizontal a (A). Verbos como *deitar abaixo*, *derrubar*, *tombar*, ilustram esta estrutura:



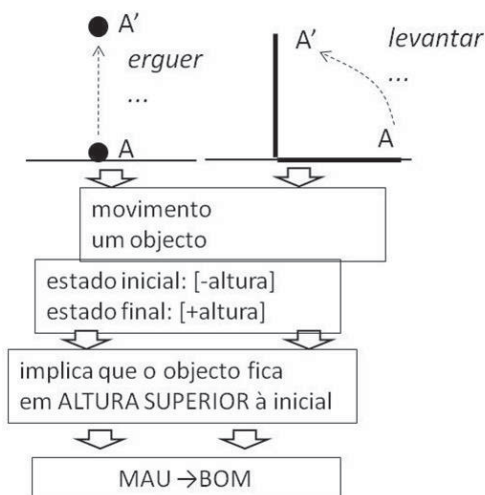
Os quatro esquemas apresentados permitem facilmente visualizar que a tipologia dos verbos de movimento vertical assenta em três características fundamentais

1. Movimento no eixo da verticalidade (comum: 1, 2, 3, 4);
2. Movimento de [-alto] para [+alto] (distingue 1 e 3 de 2 e 4);
3. Movimento não implicando a relação verticalidade / horizontalidade ou implicando-a (distingue 1 e 2 de 3 e 4):



2.2. Sinonímia, antonímia e equivalências

A sistematização agora feita indica que verbos do 1º e 3º grupo (como *erguer* e *levantar*) só se distinguem pela característica 3, tendo as outras em comum. Não é de admirar, portanto e como já se referiu, que eles funcionem frequentemente como sinónimos', inclusive até ao nível mais abstrato da valoração *bom/mau* como o esquema sintetiza:



E expressões como *levantar/erguer a moral a alguém*, *levantar/erguer a cabeça depois de uma desgraça*, *levantar/erguer as expectativas* denotam a referida equivalência e valoração comum. Esta equivalência é tão sentida que se vai ao ponto de, mesmo nos melhores dicionários, ser mais ou menos indistinta e não assinalada, por vezes, a diferença semântica de raiz entre os dois.

Olhemos apenas para três dicionários atuais, talvez os mais completos e desenvolvidos. Começando pelo Dicionário da Academia⁸, não se consegue perceber a diferença entre *levantar* e *erguer*. Aliás, ao verbo *levantar* é atribuída uma descrição mais adequada ao estado de coisas pertinente a *erguer*. Vejam-se as primeiras 5 das 22 aceções (fora as expressões fixas) que a entrada possui:

levantar. v. (De levante + suf. -ar). 1. Movimentar ou movimentar-se no sentido de baixo para cima. H" ALÇAR, ELEVAR, ERGUER. "BAIXAR. *Todos os convivas levantaram as taças.* Alguns dedos se levantaram no ar. Levantou a cabeça e olhou-me nos olhos. 2. Deslocar no sentido de baixo para cima, deixando a descoberto o que está por baixo. Levantou a tampa da panela. O vento levantou-lhe as saias. 3. Fazer subir ou subir no ar. O vento levantava as folhas caídas no chão. *Levantar pó.* 4. Dar mais altura, tornar mais alto. H"

SUBIR. *Decidiu levantar o muro mais meio metro.* 5. Pôr ou ficar na posição vertical, o que está deitado ou inclinado; pôr ou ficar ao alto. H" ERGUER. "" DEITAR, TOMBAR. *Levantou a cadeira caída no chão.*

(Dicionário da Academia)

Em primeiro lugar, o mais saliente é que a entrada verbal apresenta uma definição que não cabe prioritariamente a este verbo mas a outros (*erguer, subir, ascender, ...*) como se está a tentar demonstrar. A aceção imediatamente a seguir, reforça a primeira, acrescentando uma informação redundante: que fica descoberto o que estava por baixo é uma consequência inevitável. A aceção 3 equivale às duas anteriores, apenas com diferentes exemplos. E a descrição adequada da valência verbal prototípica aparece apenas como aceção quinta.

No Dicionário Aurélio⁹, em toda a entrada, nas 46 aceções, também não aparece com nitidez o sentido prototípico/nuclear do verbo, a transformação da horizontalidade na verticalidade. A primeira aceção que refere "Pôr ao alto; alçar, erguer:" poderia ser interpretada ambigualmente incluindo também a passagem da horizontalidade à verticalidade. No entanto, o exemplo mostra inequivocamente que se trata apenas do sinónimo perfeito de *erguer*, ou seja, apenas a vertente [+altura]: "Levantou a taça, brindando o convidado".

Apenas no Dicionário Houaiss¹⁰ aparece como primeira aceção (entre 41) a descrição praticamente perfeita da essência semântica do verbo, pois explicita o protótipo espacial do respetivo estado de coisas, a transformação da horizontalidade na verticalidade.

Levantar, verbo (Etimologia: segundo JM, lat. **levantāre* < *levans,antis*, part.pres. lat. de *levāre* 'erguer; suavizar, aliviar etc.'; ver ¹*lev(i)-*; além das aceções indicadas no desenvolvimento do verbete, há registro, ainda, das seguintes, que nele não figuram por arcaicas ou antigas: 'apavonar', 'começar'; f.hist. sXIII *levantaron*, sXIII *leuantan*, sXIV *aleuantar*, sXIV *levāte*, sXV *leuamtar*, sXV *llevantar*)

transitivo direto e pronominal

1 pôr ou pôr-se em pé ou de pé; colocar(-se) em posição vertical

Ex.: <l. um poste> <levantou a haste da planta, que vergara> <l.-se da mesa já tarde da noite> <sempre se levanta para ceder o lugar às senhoras>

(Dicionário Houaiss)

No entanto, esta primeira aceção aparece explanada em mais dois pontos inesperados relativamente ao acerto da definição inicial apresentada:

(Levantar)

pronominal

1.1 (sXIV) Derivação: por extensão de sentido.

sair do sono; despertar, acordar

Ex.: sempre se levanta muito cedo, pela manhã

pronominal

1.1.1 Derivação: por analogia.

aparecer sobre o horizonte (um astro); raiar

Ex.: no verão, o sol se levanta bem cedo

(Dicionário Houaiss)

A aceção 1.1., apresentada como sendo uma vertente da primeira, é incompreensível no plano da descrição linguística lógica, mas compreende-se por associação cognitiva (como tantas vezes acontece nos dicionários). Na verdade, esta aceção (*sair do sono; despertar, acordar*) não pertence a *levantar*, é antes a causa ou condição para o estado de coisas em que *levantar* poder ocorrer. Pode-se “sair do sono”, “despertar” e “acordar” sem que isso implique necessariamente o ato de levantar:

6. *Acordou às 7 horas mas só se levantou ao meio dia.*

7. *Só gosto de me levantar meia hora depois de acordar.*

Por seu turno, a (sub)aceção 1.1.1. não deveria inserir-se em (1), mas na seguinte, em (2):

(Levantar)

2 elevar(-se) de um plano a outro, mais alto

Ex.: <l. a taça num brinde> <ele levanta pesos na ginástica> <ela não consegue l. aquela cadeira do chão> <o aeróstato levantou-se acima dos telhados>

(Dicionário Houaiss)

É a equivalência a *erguer*. Note-se, contudo, que o terceiro exemplo (*ela não consegue levantar aquela cadeira do chão*) ilustra mais 1. do que 2.

2.3. Contraposição e diferenças

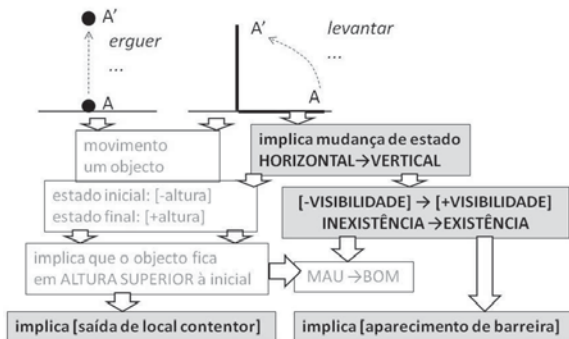
Embora no tratamento lexicológico sejam sobretudo valorizadas as equivalências sinonímicas (não é por acaso que os dicionários se entendem essencialmente como sendo de sinónimos e não tanto descritivos), uma descrição semântica poderá dar conta das diferenças entre *erguer* e *levantar* se quiser evidenciar como os dois verbos repartem prototipicamente a movimentação espacial da verticalidade. Assim, ao esquema apresentado acima que ilustra os aspetos comuns terá que ser acrescentado aquilo que os diferencia.

Podemos dizer-se que a diferença está apenas no ponto que já referimos: a forma como cada um perspetiva o movimento do objeto. Só que esta diferença pode acarretar implicações diversificadas, o que irá favorecer a construção, para cada um, de vários sentidos adquiridos por processos metafóricos.

Assim:

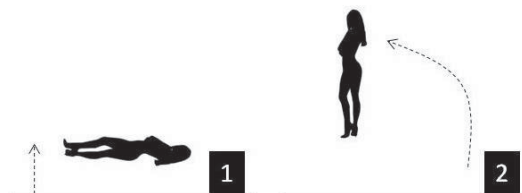
1. O movimento específico de *levantar* implica mudança de estado, de horizontal para vertical;
2. Implica que o objeto se torna mais visível;
3. Implica que o objeto se constitui como uma barreira;
4. Implica que, ao contrário de *erguer* prototípico, o objeto não sai de um local contendor.

O esquema seguinte representa (em **negrito em caixas sombreadas**) as diferenças entre os dois verbos (em **letras mais claras em caixas brancas** os aspetos comuns):



Mas se *erguer* e *levantar* aparecem, como os dicionários exemplificam e as consultas a textos atuais comprovam, como perfeitamente equivalentes (*levantar a taça=erguer a taça; levantar um poste=erguer um poste*) que argumentos há para dizer que é *levantar* e não *erguer* que se estrutura prototipicamente sobre um movimento de rotação e não de verticalidade direta?

Simplemente porque, se bem que na maioria dos usos a equivalência seja praticamente total, ainda há usos que comprovam as preferências e o protótipo de um e de outro. Imaginem-se dois mágicos a fazerem, cada um, o famoso número da levitação: uma mulher (costuma ser...) aparece deitada e por poderes mágicos vai-se elevando no ar. Imaginemos que o mágico 1 apenas a conseguiu elevar e a mulher permaneceu na posição horizontal. Mas o mágico 2 conseguiu não apenas que ela se elevasse no ar mas que, já no ar, se pusesse em pé.



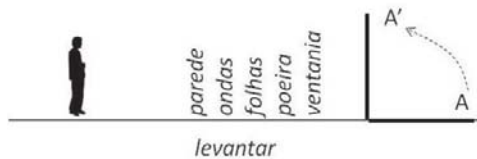
8. *O mágico 1 ergueu-a mas não a conseguiu levantar.*
9. *?? O mágico 1 levantou-a mas não a conseguiu erguer.*

A frase 9. só se torna aceitável se trocarmos por completo os valores centrais de *erguer/levantar*. Esta troca é possível e acontece quando não há oposição entre os dois num contexto concreto. Mas quando a essência da frase se baseia na oposição entre as duas estruturas de movimentação vertical, têm tendência a transparecer as perspectivas de movimento mais nucleares de *erguer/levantar*: *erguer*= elevar no ar, *levantar*=pôr em posição vertical.

2.4. Os encadeamentos metafóricos

A partir das valências espaciais, é fácil estes verbos adquirirem vertentes metafóricas derivadas dos esquemas que os informam e das respectivas correlações experienciais.

Compreende-se que facilmente o verbo *levantar* passe a valer para estados de coisas que já não implicam o protótipo de um objeto que mude da posição horizontal para a vertical, bastando apenas um estado de coisas em que surge (lenta ou rapidamente) um objeto que progressivamente ganha altura (=ganha visibilidade e existência): uma parede, ondas no mar, folhas ou poeira no ar ou mesmo até o próprio vento.



Habitualmente, nas descrições linguísticas, há a tendência de considerar que o grau de desvio da prototipicidade corresponde ao grau de metaforização. Interfere neste fenómeno igualmente o desvio para a abstração¹¹: quanto mais abstrato é o objeto, mais metafórico se considera o valor do verbo.

Aliás, a seriação dos sentidos metafóricos é, frequentemente, apresentada de forma pouco compreensível, mesmo nos bons dicionários. Por exemplo o Dicionário Houaiss, a primeira vez que elenca os sentidos metafóricos¹² é na aceção 6 (entre 41):

6 Derivação: por metáfora.

eleva a um grau superior de perfeccionismo, qualidade etc.; tornar moralmente superior; engrandecer

Ex.: <o convívio com sábios levanta o espírito> <era preciso l. aquele debate!>

No entanto, na aceção 5 admite duplo valor, não figurado e “também figurado”:

5 dirigir para o alto (tb. fig.)

Ex.: <levantou os olhos para o céu e suspirou, desanimado> <l. o pensamento a Deus>

Considera existir metáfora em usos perfeitamente espaciais (“só agora levantou-se da longa enfermidade”). No entanto, uma verdadeira metáfora concetual é pressuposta nas primeiras aceções apresentadas como não metafóricas. Logo na aceção 3 (entre 41):

- 3 aumentar (de volume, intensidade, o tom de etc.) Ex.: <evite l. a voz aqui>

Desde a célebre obra de Lakoff e Johnson (1980), *Metaphors We Live By*, entendemos melhor o poder catalisador das grandes equivalências conceituais que subjazem às múltiplas expressões metafóricas como DISCUTIR É LUTAR (*argumento fatal, vencer a discussão, defender um ponto de vista*), VIDA É VIAGEM (*caminhar para a morte, andar por maus caminhos, ir andando*). Ora uma das metáforas mais estruturantes da cognição humana é precisamente QUANTIDADE É ALTURA que nos permite ver a temperatura, o dinheiro, o custo de vida como se de uma dimensão vertical se tratasse, representado o [+alto] os valores mais numerosos e o [-alto] os contrários. Por isso é que *levantar a voz* não é equivalente a *falar num sítio alto*, mas *falar progressivamente com mais intensidade*. De alguém que vai falando sempre no mesmo tom enquanto se eleva do chão (numa grua ou por artes mágicas) não dizemos que está a *levantar a voz*...

As implicações decorrentes de o verbo implicar [+alto] para o objeto no final do estado de coisas espacial imbricam-se com a consequente [-visibilidade] → [+visibilidade] levando a perspetivar tendencialmente o estado de coisas como decorrendo entre um antes menos positivo e um depois mais positivo, na clássica oposição que faz relacionar BAIXO → ALTO com MAU → BOM. Daqui decorrem os valores positivos que *levantar* adquire, como em *levantar a moral, levantar a conversa, levantar o espírito*.

Porém, e parecendo contrariar as indubitáveis constatações da equivalência ALTO/BOM, de entre as derivações metafóricas mais abundantes deste verbo, surge um grupo constituído por expressões de referencialidade concreta e abstrata ligadas à noção de dificuldade em que se invertem os valores habituais. Na verdade, agora o [+alto] aparece associado a valores negativos e restringe fortemente a sua associação aos opostos valores positivos:

10. *levantar-se um grande temporal* (mas não *levantar-se uma grande calmaria*);
11. *levantar um obstáculo* (mas não *levantar um apoio*);
12. *levantar uma dificuldade* (mas não *levantar uma facilidade*);
13. *levantar problemas* (mas não *levantar soluções*);
14. *levantar uma dúvida* (mas não *levantar uma certeza*);

15. *levantar um boato* (mas não *levantar uma verdade*);
 16. *levantar uma calúnia* (mas não *levantar um louvor*);
 17. *levantar uma grande celeuma* (mas não *levantar uma grande paz*).

Se como já se disse, em quase todos os contextos *erguer* é um sinónimo quase perfeito de *levantar*, por que é que nestes casos isso dificilmente acontece (*?erguer uma dificuldade*, *?erguer um problema*, *?erguer uma dúvida*, *?erguer um boato*, *?erguer uma calúnia*, *?erguer-se uma grande celeuma*, *?erguer-se um grande temporal*)?

A resposta tradicional é a de que a arbitrariedade da língua idiomatiza certas expressões, as quais cristalizam com determinados componentes não havendo qualquer razão linguística para entre dois sinónimos ter sido um o escolhido e não o outro.

Como já os Neogramáticos pensavam (para o plano sonoro), na língua poucas coisas acontecem por acaso. E aqui pode vislumbrar-se a importância que os processos de percepção do espaço têm para a codificação semântica. Na verdade, nos exemplos apontados (entre muitos do género) a preferência por *levantar* relativamente a *erguer* reside precisamente naquilo que distingue a espacialidade dos dois. O primeiro implica (no seu protótipo) que o objeto permanece, e permanece levantado na vertical, formando uma barreira que pode constituir-se em obstáculo difícil de ultrapassar. E nesta perspetiva, vai um caminho sequencial, equivalente (por isso metafórico) e gradativo no percurso *levantar* {*um poste* > *um muro* > *poeira* > *ventania* > *dificuldade* > *problema* > *boato*, ...}:

É interessante – como talvez já se tenha notado quando se referiram os exemplos 10.-17. – que destas combinatórias com *levantar* apenas em “*levantar um obstáculo*” o verbo pode ser substituído por *erguer* (*levantar um obstáculo* = *erguer um obstáculo*). Porquê? Simplesmente

porque este é também, entre os apresentados, o único em que o objeto *obstáculo* pode ter uma interpretação diferente da de “dificuldade” e significar um objeto físico, sólido, manipulável ou construído, como uma pedra, um poste, um muro. Pode, portanto, não ser entendido numa vertente mais abstrata mas na centralidade física de *levantar*. E esta, como vimos, é quase sempre realizada equivalentemente entre *levantar* e *erguer*.

2.5. Quando um verbo é antônimo de si mesmo

Como se viu até aqui, a partir da estrutura espacial do estado de coisas de *levantar* é facilmente entendível o porquê de o verbo ganhar polissemias em áreas que impliquem “fazer aparecer” (objetos, dificuldades). No entanto, observando várias aceções abundantemente exemplificadas nos dicionários encontramos também precisamente os valores semânticos opostos, “fazer desaparecer” (objetos, dificuldades). Como é isto possível? Mas mais globalmente interessante, é perceber como podem as línguas naturais funcionarem lexicalmente através de unidades que contêm significados contraditórios¹³ (ou “valores contraditórios” na perspectiva saussureana, já que cada unidade é um conjunto de valores).

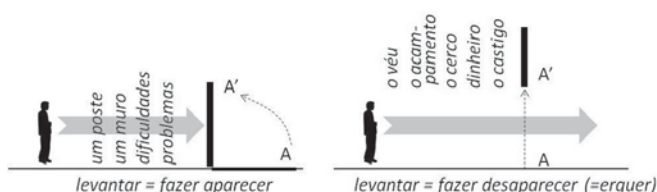
Uma análise sémica estruturalista ou componencial teria dificuldade em explicar este princípio que uma visão cognitiva baseada em modelos prototípicos facilmente admite. É que cada unidade lexical não é composta por um conjunto de valores (ou semas) que constituem uma estrutura lógica, baseada em condições de verdade e comum a todos os falantes. Cada palavra baseia-se numa estrutura prototípica, multienglobante, dinâmica e multiperspetivística. Ou seja, cada estrutura semântica componente de uma unidade lexical envolve dinamismos de implicação, dinamismos esses que podem ir ao ponto de perspetivarem vertentes opostas da mesma realidade. Cognitivamente, a nível global, percetivo, sabemos que nós, humanos, funcionamos assim: a mesma realidade pode ser percecionada num contexto como alta, noutros como baixa (um bloco de cimento de 2 metros de altura é “alto” se eu pensar que é um banco, é “baixo” se eu o quiser para parede de uma casa); umas vezes como clara, outras como escura (a cor âmbar é normalmente classificada como “cor clara”, mas passa a “escura” se for de um vinho branco: *o champanhe tinha uma cor escura, como âmbar*); nuns casos uma realidade é vista como positiva, noutros a mesma realidade é

encarada como negativa (O “infelizmente vai chover” que por vezes as/os apresentadoras/es da Meteorologia na Tv deixam escapar irritam os agricultores quando estes estão à espera da vital chuvinha...). E o significado das palavras reflete isto mesmo. Por isso é que na perspetiva cognitiva se defende que o significado não obedece às condições de verdade ou apenas à lógica, mas é essencialmente perspetivístico, na medida em que envolve uma perspetiva sobre a realidade. Ora então se a mesma realidade pode ser focalizada através de diferentes perspetivas, facilmente se compreende que estados de coisas simultaneamente nucleares e complexos (como são os relativos à manipulação percetiva do espaço) facilmente se compreende, dizia-se, que possam envolver mais do que uma faceta e que possa mesmo acontecer englobarem facetas antitéticas em algum ponto.

A este respeito o que é que acontece em *levantar*? É que, como já se viu na análise e nos esquemas atrás apresentados, o estado de coisas *pode perspetivar* o movimento como resultando na colocação/evidenciação de um objeto que funcione como uma barreira (o que acarreta os valores prototípicos e metafóricos descritos no último ponto: a “constituição de barreira de dificuldade”). Mas *pode perspetivar* igualmente a faceta que retrata o objeto colocado numa posição com [+altura] relativamente ao estádio inicial do estado de coisas. É nesta perspetiva que é sinónimo de *erguer*. E daqui decorrem implicações contrárias às primeiras: um objeto que se ergue *pode* deixar de estar no nosso caminho, desaparece, deixa de se constituir como barreira de dificuldade. E assim um sintagma como *levantar o acampamento* pode ter dois usos antonímicos:

18. *O general disse que era aqui que iríamos levantar o acampamento.* (= fazer)

19. *Por causa da peste, os Castelhanos tiveram que levantar o acampamento.* (=desfazer)



É nesta perspectiva que se interpretam construções como *levantar* {*um pano (que escondia algo), o véu, o acampamento, o cerco, dinheiro, o castigo, ...*}

Este funcionamento e estrutura semântica do verbo demonstra (para uma análise do léxico em geral) como na verdade não há palavras antônimas, mas usos antonímicos de uma unidade lexical. Ou seja, os fenómenos da antonímia e sinonímia nunca podem ser perspetivados entre os valores globais de duas unidades, mas, antes, como fenómenos do uso, terão que ter em conta a estrutura organizacional do modelo mental que constitui cada palavra. Evidencia-se, igualmente, que esta estrutura não é nem pode ser constituída na base de semas ou traços componenciais. É que nestes modelos não cabem traços mutuamente exclusivos (nem sequer divergentes...). Ora, como vemos, a mesma unidade lexical pode valer para significar uma coisa e um seu antónimo, o que, com certeza, agradaria bastante a Hegel e à sua dialética de antítese.

2.6. Visão global e proposta lexicográfica

Os lexicógrafos têm toda a razão quando dizem que criticar uma entrada dicionarizada é fácil e que por isso é que são mais criticados que ajudados. Na verdade, nunca podemos ter a certeza que por muito boa que seja a descrição do dicionário ela englobe todas as aceções, todos os valores, todos os contextos. Mais fácil é ter a certeza do contrário – que é praticamente inviável englobar todas as possibilidades.

Tente-se, então, uma pequena ajuda: propõe-se uma descrição que poderia funcionar como base para a respetiva entrada dicionarizada se esta pretendesse a explanação descritiva das diferenças de *levantar* com os outros verbos de movimento vertical¹⁴ e depois apresenta-se e um esquema que procura tornar visualizáveis as relações semânticas essenciais que *levantar* abarca:

Levantar: Verbo

1. Protótipo cognitivo *humano*: *pôr de pé* o que *estava deitado*.
Descrição espacial: *fazer com que um objeto na horizontal passe a estar na posição vertical, o que implica que um objeto (A) seja movimentado dentro do eixo da verticalidade desde um estágio inicial em que todo o objeto ocupa uma posição*

Usos:

Ele levantou a estátua que o vento tinha derrubado.
Os operários levantaram três postes elétricos.
O João levantou-se do chão.
O avião levantou sem problemas.

1.1. *fazer crescer, fazer aparecer um objeto físico*

Usos:

Os operários levantaram uma parede de três metros.
O general levantou o acampamento junto às muralhas.
Levantou-se uma ventania terrível.

1.1.1. *fazer crescer, fazer aparecer um objeto não físico mas que funciona como um obstáculo*

Usos:

Levantaram-me muitas dificuldades.
Levantaram-lhe muitas calúnias.
Levanta-se agora uma questão difícil/interessante.

2. *Pôr mais alto o que estava mais baixo* (sinónimo: *erguer*). Descrição espacial: *um objeto (A) é movimentado dentro do eixo da verticalidade de tal modo que a um estágio inicial em que o objeto ocupa uma posição espacial (A) sucede-se, depois de uma série de estádios transitórios, um estágio final em que o mesmo objeto ocupa uma posição diferente (A') necessariamente situada num plano tido como [mais alto].*

Usos:

Os convivas levantaram as taças.
Levantou o filho no ar.
Levantou os braços aos céus.

2.1. *crescer em quantidade* (origem nos valores de 1.1. e na metáfora concetual QUANTIDADE É ALTURA: maior altura metaforiza maior quantidade).

Usos:

Os operários levantaram uma parede de três metros.
As crianças levantaram um montinho de pedras.
Ele levantou a voz e o empregado calou-se.

2.1.2. *crescer em qualidade* (origem na metáfora concetual ALTO É BOM/POSITIVO)

Usos:

É preciso levantar-lhe a moral.
Esta conversa está muito baixa, é preciso levantá-la a outro nível.
Um as boas férias levantam o espírito de qualquer um.

2.2. *fazer desaparecer um objeto físico* (baseado na correlação experiencial *o que se eleva desaparece*)

Usos:

Ele levantou o guardanapo e descobriu a faca que faltava.

Levantaram o acampamento e foram embora.

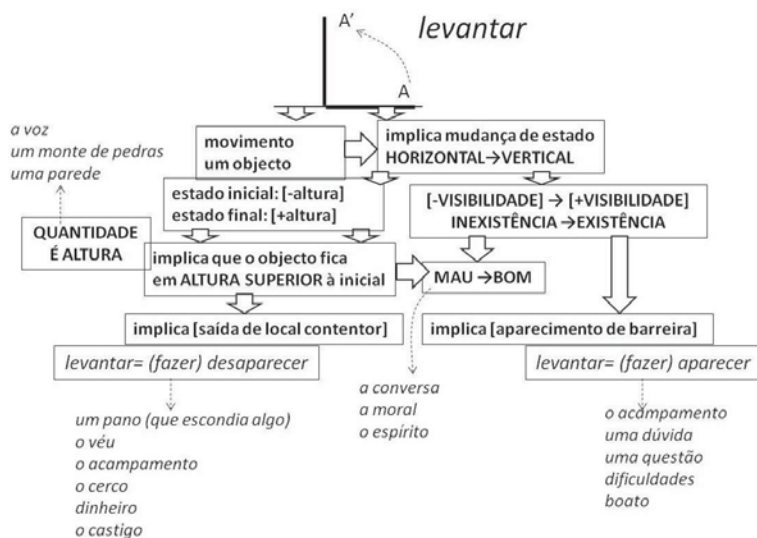
Levantaram todo o dinheiro da conta.

2.2.1. *fazer desaparecer um objeto não físico* (baseado na correlação experiencial *o que se eleva desaparece*)

Usos:

O juiz levantou-lhe a pena.

Os pais levantaram-lhe o castigo.



3. Em síntese: as questões que levantar permite levantar

Um primeiro ponto que a análise que se fez de *levantar* ajuda a vislumbrar é a do encadeamento das aceções que um verbo pode ter. Elas não são facilmente numeráveis, como as costumamos ver nos dicionários, porque isso implica entre os seus valores/usos uma separação nítida e distinta. Ora não é isso que acontece. Há uma gradatividade e um contínuo entre os usos, funcionando as metaforizações e as correlações experienciais como fontes potenciadoras de variadas vertentes semânticas.

Outra constatação que se pode deduzir é a de que embora não seja previsível o caminho que a evolução linguística irá fazer com um verbo, há uma certa (apenas “uma certa”) previsibilidade das valências que um verbo pode vir a adquirir. É que os falantes não fazem derivar sentidos aleatoriamente, mas baseiam-se nas implicações e metaforizações mais basicamente ligadas à cognição, sobretudo à do espaço, sem dúvida, como defendia Gilbert Durand, o domínio privilegiado da construção imagética. Foi a isso que nos referimos quando, desde o início, falámos na previsível imprevisibilidade das valências verbais. E assim tentou-se comprovar que essas vertentes pelas quais a palavra se explica não são formadas “à sorte”, arbitrariamente, advérbio que a tradição de análise linguística tem aplicado à estruturação das línguas talvez mais do que devia. E o que mais cativa no paradigma científico que, por agora, se costuma designar por Semântica Cognitiva é o de fazer vislumbrar como nas línguas naturais, humanas, as análises baseadas no “arbitrário” vão sendo substituídas pela importância redescoberta da cognição e das experiências dos homens que criaram e usam esse fenómeno fascinante que é a linguagem das palavras.

ABSTRACT:

This paper analyzes the semantic structure of “levantar”, one of the Portuguese verbs of vertical movement. We shall demonstrate some differences between the prototypical structures of “levantar” and its synonym “erguer” and also the implications that these differences generate in the metaphorical meanings of the verbs. It shows the advantages of a cognitive approach to lexical analysis and finally, based on the theoretical methodology and analysis presented, it advances a descriptive schema for a lexical entry of the Portuguese verb “levantar”.

KEYWORDS: lexical meaning, prototype, spacial cognition, metaphor, antonymy.

NOTAS

¹ De referir sobretudo Gilbert Durand, 1969 (*Les structures anthropologiques de l'imaginaire*, Bordas, Paris).

² “Si la durée n'est plus la donnée immédiate de la substance ontologique, si le temps n'est plus la condition *a priori* de tous les phénomènes en général—puisque le symbole lui échappe —il ne reste plus qu'à attribuer *l'espace* comme «sensorium» général de la fonction fantastique.” (DURAND, *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*, Bordas, Paris 1969, p.472)

³ Obra de referência a este respeito é a de Paul Schilder que publica em 1923 *Das Körperschema. Ein Beitrag zur Lehre vom Bewusstsein des eigenen Körpers* (Springer, Berlim), mais tarde (1935) em inglês *The image and appearance of the human body*.

⁴ Un certain nombre de travaux menés dans des perspectives diverses (par exemple piagétienne) concluent que la production et la compréhension d'items spatiaux sont le résultat de déterminants cognitifs universaux. D'une façon générale, ce type d'approche postule qu'il existe une base sensori-motrice universelle, ainsi qu'une régularité universelle dans les étapes cognitives ultérieures, expliquant comment les enfants apprennent ces items. Des études interlangues comparant les performances en compréhension d'enfants parlant l'italien, le turc, l'anglais et le serbo-croate montrent que les enfants suivent une séquence semblable dans l'acquisition de certains items, déterminée par leur complexité

cognitive: (1) *dans, sur, sous, à côté*; (2) *entre*, ainsi que *derrière, devant* avec des objets comportant des propriétés intrinsèques; (3) *derrière, devant* avec des objets sans propriétés intrinsèques. (HICKMANN ET ALII, “Référence spatiale dans les récits d’enfants français: perspective inter-langues” in *Langue Française*, n° 118, Mai-98, Larousse, Paris, 1998, p. 108)

⁵ The correspondence of specific nominal sources to specific types of grams gives evidence for three models: the anthropomorphic, the zoomorphic, and the environmental landmark models. These models make universal claims about possible sources of types of spatial grams. The anthropomorphic model is the most common, while the zoomorphic and landmark models complement it, and sometimes compete with it. All three models make predictions about the sources of FRONT-REGION, BACK-REGION, TOP-REGION, and BOTTOM-REGION grams. The anthropomorphic model is more common than the landmark model for SIDE-REGION, MEDIAL-REGION, and INSIDE-REGION grams, while only the landmark model makes predictions for directional and path grams, such as ACROSS, ALONG, VIA and THROUGH. (SVOROU, *The Grammar of Space*, John Benjamins Publishing Company, Amsterdam/Philadelphia, 1994, p.204)

⁶ Se a finalidade deste artigo fosse a de evidenciar como se repartem os usos linguísticos sincrónicos destes verbos e respetivos pesos variacionais, seria fundamental recorrer a análises de *corpus/corpora*. No entanto, aqui apenas se pretende explicar como a dimensionalidade vertical de movimento se estrutura no português (sobretudo europeu) atual, como essa estruturação cobre os vetores da verticalidade e como essa cobertura se vai (através do enfoque num ou noutro ponto) desdobrando em aceções conexas mas diversificadas que, contrariando algumas preferências tendenciais da relação espaço-valores nocionais, geram antonímias de uso.

⁷ Mesmo não utilizando pesquisas em *corpora* linguísticos especializados, basta fazer uma pesquisa num motor como o Google para facilmente se encontrarem milhares de usos de *erguer*, quer com o valor do esquema 1., quer do esquema 3.

⁸ “Dicionário da Academia” corresponde à seguinte referência: Academia das Ciências de Lisboa, 2001, *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, 2 vols., Verbo, Lisboa.

⁹ “Dicionário Aurélio” corresponde à seguinte referência: Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda, 1994, *Dicionário Aurélio Eletrônico* - v.1.4.

¹⁰ “Dicionário Houaiss” corresponde à seguinte referência: Houaiss, Antônio e Villar, Mauro, 2001, *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*.

¹¹ Sobre uma perspetiva cognitiva da oposição concreto-abstrato ver Teixeira 2010.

¹² Houaiss para umas aceções usa a classificação de “metáfora” e para outras “sentido figurado”.

¹³ Relativamente a uma perspectiva cognitiva sobre a antonímia ver TEIXEIRA:2005.

¹⁴ Obviamente que cada obra lexicográfica tem finalidades próprias e não é, muitas vezes, a descrição linguística o objetivo mais importante a ser tido em conta.

REFERÊNCIAS

DURAND, Gilbert. *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*. Paris : Bordas, 1969.

GRADY, Joseph. *Foundations of meaning: Primary metaphors and primary scenes*. Tese (Doutorado em Linguística). U. C. Berkeley, 1997.

JOHNSON, Mark. *The Body in the Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination and Reason*, Chicago. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

TEIXEIRA, JOSÉ. *A verbalização do Espaço: modelos mentais de frente/trás*. Braga: Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, 2001. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/4517>. Acesso em: 12/09/2011.

_____. Relações linguísticas de antonímia: O insucesso da Lógica e o valor da cognição humana. In: MARQUES, Maria Aldina; KOLLER, Erwin; TEIXEIRA, J; LEMOS, Aida Sampaio (orgs.). *Ciências da Linguagem: 30 anos de investigação e ensino*. Braga: Universidade do Minho, 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/4276>. Acesso em: 12/09/2011.

_____. Categoria nominal e abstracção (ou o porquê das sereias serem mais concretas que o ar). *Revista Galega de Filoloxía*, n. 11/2010, 2010, Universidade da Corunha (Espanha), pp.123-149. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/11352>. Acesso em: 12/09/2011.

Recebido em: 30/03/2011

Aprovado em: 15/06/2011